



O discurso de ódio endereçado à identidade docente: uma análise semiolinguística da página “Escola sem Partido” no Instagram

Ana Carolina dos Santos

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4353-7225>

E-mail: ana.santos.uff@gmail.com

Ilana da Silva Rebello

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3032-604X>

E-mail: ilanarebello@id.uff.br

RESUMO

Tendo em vista que os estudos discursivos almejam contribuir para a compreensão e, por conseguinte, para a solução de chagas sociais, o presente trabalho tem o objetivo de, a partir da análise de duas postagens da página “Escola sem Partido” na rede social Instagram, identificar os discursos de ódio endereçados à identidade docente brasileira. Para tanto, com base na Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, do pesquisador francês Patrick Charaudeau, pretende-se discorrer sobre os conceitos de contrato de comunicação (Charaudeau, 2001), de semiotização do mundo (Charaudeau, 2005), de sujeitos do discurso (Charaudeau, 2001) e de imaginários sociodiscursivos (Charaudeau, 2022). Além disso, este artigo ancora-se também nos postulados de Barros (2015), Butler (2021) e Paveau (2021) acerca do discurso de ódio a fim de reconhecê-lo no *corpus* apresentado.

PALAVRAS-CHAVE: Semiolinguística; Discurso de ódio; Professor; Escola sem Partido; Instagram.

Hate speech addressed to teacher identity: a semiolinguistic analysis of the “Escola sem Partido” page on Instagram

ABSTRACT

Bearing in mind that discursive studies aim to contribute to the understanding and, therefore, to the solution of social wounds, the present work aims to, based on the analysis of two posts from the page “Escola Sem Partido” on the social network Instagram, identify hate speeches addressed to the Brazilian teaching identity. To this end, based on the Semiolinguistic Theory of Discourse Analysis, by French researcher Patrick Charaudeau, we intend to discuss the concepts of communication contract (Charaudeau, 2001), semiotization of the world (Charaudeau, 2005), subjects of discourse (Charaudeau, 2001) and socio-discursive imaginaries (Charaudeau, 2022). Furthermore, this article is also anchored in the postulates of Barros (2015), Butler (2021) and Paveau (2021) regarding hate speech in order to recognize it in the corpus presented.

KEYWORDS: Semi linguistics; Hate speech; Teacher; School without a party; Instagram.



1. Introdução: Inicia-se o ciclo de vida dos “carrapatos ideológicos”

A sanção pragmática pela exclusão é a forma mais intensa e passional das ações intolerantes, aquela em que o medo e o ódio são exacerbados e em que a oposição semântica entre os contrários “igual” (humano, normal, sadio de corpo e alma, belo, dotado de ética) e “diferente” (animalizado ou não humano, doente, feio, sem ética, imoral) não admite gradação, conciliação ou neutralização (Barros, 2015, p. 65).

A epígrafe, parte integrante do livro *Discurso e (des)igualdade social*, é um trecho do artigo “Intolerância, preconceito e exclusão”, em que a semioticista Diana Pessoa de Barros (2015) discorre sobre como a eliminação do “outro” é engendrada na e pela linguagem, por meio da exploração de figuras antagonistas que impossibilitam a coexistência de diferentes discursos no debate público. Tomamos, aqui, a citação de Barros, a fim de revelar o objetivo deste estudo: analisar, enquanto pesquisadores também pertencentes à classe dos “diferentes”, o discurso da página “Escola sem Partido” no Instagram, que nos subjuga, silencia e marginaliza enquanto professores.

A página “Escola sem Partido”, criada em dezembro de 2016, surge da necessidade de popularizar o movimento homônimo organizado pelo advogado Miguel Nagib no ano de 2004. Antes disso, Nagib já havia aparecido no espaço público ao escrever o texto “Carta ao Professor Iomar”¹, em que denuncia o docente de sua filha no sentido de “doutrinar ideologicamente as crianças [...], impingindo às suas frágeis consciências a visão que o senhor [o professor] tem do mundo” (Nagib, 2003). De acordo com Nagib, o educador teria comparado as trajetórias de Che Guevara e de São Francisco de Assis – santo da igreja católica conhecido popularmente por abdicar de bens materiais e fazer voto de pobreza –, com o objetivo “de envenenamento das almas desses jovens mediante a inoculação do marxismo mais grosseiro” (Nagib, 2003).

É a partir dessa carta que o conceito de doutrinação ideológica passa a circular no espaço público, sobretudo nos discursos produzidos no cenário digital, transformando-se em combustível para a polarização política que emergia na sociedade brasileira. Assim, o Movimento Escola sem Partido (MESP)² ganha visibilidade no discurso político, alinhando-se a parlamentares de bancadas conservadoras e levantando a pauta daquilo que denominavam doutrinação de esquerda nas escolas. Fora do âmbito da política, o MESP inicia a divulgação de projetos de lei em seu *site* e em suas redes sociais. Diferentemente das declarações nas Assembleias Legislativas, nas quais os representantes mostravam-se mais contidos, nesses espaços virtuais a defesa do movi-

¹ O texto fora publicado, originalmente, pelo *site* do teórico Olavo de Carvalho, em 2003, como parte de outra publicação denominada “O estupro intelectual da infância”. Entretanto, por motivos não conhecidos, a referida postagem não se encontra mais disponível para acesso, e atualmente a carta de Nagib pode ser lida apenas através do endereço eletrônico disponível em: <<https://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=13848&cat=Cartas&vinda=S>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

² O MESP foi responsável pela elaboração do anteprojeto de lei número 7.180/2014, que versa, entre outros assuntos, sobre o fato de que professores não podem tratar de certos conteúdos, como sexualidade e gênero, em sala de aula, já que alguns temas devem ser “tratados na esfera privada, em que cada família cumpre o papel que a própria Constituição lhe outorga de participar na educação dos seus membros” (Brasil, 2014).

mento ganha contornos belicosos, dirigindo-se, muitas vezes, a professores em tom ameaçador e agressivo.

Vale destacar que, em agosto de 2020, após o Supremo Tribunal Federal (STF) considerar institucional um de seus projetos de lei, Miguel Nagib declara que se distanciaria das redes sociais do MESP, finalizando suas atividades como integrante do movimento. Entretanto, até os dias de hoje, todos os canais criados pelo advogado permanecem ativos, com frequentes publicações destinadas aos professores e com seu nome vinculado a elas.

Sendo assim, não obstante as más condições de trabalho no campo do magistério, o professor, na atualidade nacional, precisa lidar com discursos que o transformam em um mal a ser combatido. De fato, ao associar a identidade docente à imoralidade, as publicações da página no Instagram do MESP legitimam crenças, sobre a docência, capazes de influenciar o sujeito em seus respectivos julgamentos. Dessa forma, este estudo, à luz da Teoria Semiociológica de Análise do Discurso, almeja identificar, por meio da análise de duas publicações da página do MESP, como a ciberviolência, evocada através do ato de linguagem por sujeitos intencionais, é responsável por associar o professor a imaginários que visam à (des)construção de sua identidade. As postagens em destaque, realizadas entre 2017 e 2023, são um recorte das diversas publicações em que o MESP incentiva a denúncia dos professores-doutrinadores, bem como estimula a animalização da categoria docente.

Ademais, refletir sobre os discursos produzidos na internet oportuniza a discussão sobre como o espaço digital, compreendido por este estudo como um dispositivo tecnológico responsável pela coprodução de discursos junto ao homem, representa um meio valioso para aqueles que almejam disseminar o ódio em seu projeto de influência, já que, ao proporcionar novos ambientes conversacionais – reconhecidos pelas restrições de polidez do contrato de comunicação –, a conversa digital permite ao usuário das redes agir sem qualquer inibição. Assim, o debate sobre a propagação do discurso odioso nas redes será realizado à luz de Butler (2021), Barros (2015) e Paveau (2021), ambicionando contribuir para um melhor entendimento sobre como a produção de sentido no ambiente digital é realizada em prol da estigmatização da figura do educador.

2. “Os professores militantes põem seus ovos na cabecinha oca dos alunos”: A Teoria Semiociológica e o processo de semiotização do mundo

A Teoria Semiociológica de Análise do Discurso (TSAD), elaborada por Patrick Charau-deau, incorpora o discurso em uma situação comunicativa cujos fatos da linguagem e certos fenômenos psicológicos e sociais articulam-se numa perspectiva linguística. Ao criar essa vertente teórica, o professor emérito da Universidade Paris XIII tem como objetivo analisar a comunicação em sua totalidade, ou seja, para o pesquisador que se aventura na TSAD, o discurso deve ser considerado uma manifestação social que leva em conta, de maneira equitativa, tanto os estudos de língua quanto os aspectos extralinguísticos do projeto de fala. Essa característica que a diferencia das demais análises discursivas é evidenciada pelo próprio nome da teoria: *semio*, de *semiosis*, para evocar que a construção de sentido ocorre através de diferentes sistemas



semiológicos, sob a responsabilidade de um sujeito com um propósito de fala, e linguística, para evidenciar as línguas naturais como seu principal objeto de estudo.

Dessa maneira, a TSAD atenta-se em desenvolver análises discursivas que observem as composições languageiras, bem como todo o contexto em que o sujeito, ao encenar estrategicamente o ato de linguagem, está inserido. Nessa circunstância, a construção de sentido é competência de um sujeito movido por intencionalidades que visam à influência. Por conseguinte, essa influência se acha inscrita em um dispositivo linguístico, uma vez que “se há construção do sentido, trata-se da construção que se faz pelas formas verbais; se há construção de um texto, trata-se daquela que depende das regras de “ordenamento” do verbal” (Charaudeau, 2005, p. 13). Mediante essa dupla articulação, ocorrem os processos de transformação, cuja ação do sujeito falante é responsável por representar o mundo a um destinatário, e de transação, que faz dessa representação de mundo uma espécie de contrato entre os parceiros do ato de linguagem.

Para exemplificar esses processos e entender como se realiza o contrato de comunicação entre os sujeitos, analisa-se a primeira postagem da página “Escola Sem Partido”, publicada na rede social Instagram, em 13 de agosto de 2023 (Figura 1).

FIGURA 1. Publicação da página “Escola Sem Partido” no Instagram (captura de tela).



Fonte: rede social Instagram³

Antes de iniciar a investigação, cabe destacar que a plataforma digital Instagram é uma ferramenta que permite tanto a visibilidade e a articulação das redes sociais do indivíduo quanto a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço *offline*. A possibilidade de produzir textos por meio de múltiplas e diversificadas semioses, ou seja, por meio da junção de palavras, imagens e sons, atrai usuários em busca da dinamicidade da interação mediada pelo computador,

³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cv4kcZDu31W/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

tanto que, de acordo com o *site* de notícias CNN Brasil, em 2023, o Instagram alcançou a marca de aplicativo mais baixado do mundo⁴. Assim fica evidente que a plataforma Instagram, mais do que uma “forma simples, divertida e criativa de capturar, editar e compartilhar fotos, vídeos e mensagens com os amigos” – como informa a página introdutória da rede social⁵ –, aparece como um novo ambiente de sociabilidade e de conversação, oportunizando novas formas de interações no contexto do ciberespaço.

Nesse cenário, para comprovar a potencialidade do aplicativo digital, é pertinente destacar o número de seguidores da página em que a Figura 1 foi publicada: atualmente, a página do MESP possui 52,3 mil usuários que acompanham suas publicações diariamente⁶. Esse dado demonstra o sucesso da encenação linguageira produzida pelo MESP, uma vez que, a partir de postagens quase que exclusivamente voltadas para a promoção da denúncia docente, a página no Instagram agrupa sujeitos com sentimentos, interesses e intenções semelhantes ao do discurso do movimento, fortalecendo, assim, os valores que integram a comunidade “antidoutinadores”.

Nesse contexto interacional, os usuários das redes sociais, com o auxílio dos algoritmos⁷, aproximam-se daqueles que possuem interesses e pontos de vista em comum. Esse fato, além de ser responsável pela criação da identidade de um grupo, visto a personalização das informações que são consumidas na internet, faz com que o internauta, isolado de ideias alheias às suas, mantenha contato com uma realidade fragmentada que impede a convivência com opiniões antagônicas, fomentando, portanto, o discurso de ódio.

Marie-Anne Paveau, em seu dicionário de Análise do Discurso Digital, afirma que essas características típicas do ambiente tecnodiscursivo devem, de fato, ser analisadas a partir de uma perspectiva linguística, pois “fazem parte da composição híbrida das unidades linguageiras *on-line* e constituem uma parte das restrições discursivas *on-line*” (Paveau, 2021, p. 47). Sendo assim, o ciberespaço não deve ser debatido com base na visão binária real *versus* virtual, mas sim por meio de uma perspectiva que, distante da ideia de que a máquina seria apenas o suporte do ato de comunicação, o compreenda como um dispositivo tecnológico responsável pela coprodução de discursos junto ao homem.

Dessa maneira, retomando a Figura 1, é possível observar como os processos de transformação e de transação articulam-se para definir a *mise en scène* do ato de linguagem: ao reconhecer a alteridade do sujeito destinatário, o enunciador organiza estrategicamente categorias de língua e alguns recursos imagéticos para representar o professor e sua vida. Legitimando a presença

⁴ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/instagram-ultrapassa-tiktok-e-se-torna-o-aplicativo-mais-baixado-do-mundo-2/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

⁵ Texto de apresentação do aplicativo Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/instagram/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

⁶ Vale ressaltar o aumento do número de seguidores da página: quando os dados começaram a ser coletados para o início desta pesquisa, em julho de 2024, a página tinha 51,9 mil seguidores, ou seja, em menos de um mês, o MESP começou a ser seguido por mais 400 usuários da rede Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/escolasempartidooficial/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

⁷ Paveau (2021) afirma que os algoritmos são “sequências de instruções que [...] permitem resolver o problema do tratamento da informação, procurando-a, processando-a, classificando-a, hierarquizando-a, etc. Para isso, eles fazem cálculos para produzir efeitos: certas informações aparecerão com mais frequência, ou em melhor lugar do que outras, ou serão mais disseminadas do que outras, ou, pelo contrário, serão invisibilizadas” (p. 39).

de um interlocutor que desconhece o “ciclo de vida” do professor, a página do MESP, enquanto autoridade autoproclamada, mobiliza um EU em posição de “fazer-saber”, com o objetivo de alertar o público acerca dessa mazela (Figura 2).

FIGURA 2. Esquema do processo de semiotização da postagem do MESP (fluxograma)



Fonte: Produzido pelos autores, a partir de Charaudeau (2005)

A imagem do parasita, reproduzida na Figura 1, visa provocar, além da repulsa e do asco, uma atmosfera de apreensão, uma vez que os carrapatos são retratados na postagem como figuras ameaçadoras que “zumbificam” seus hospedeiros. Nesse ato de linguagem, como é possível observar no esquema proposto pela Figura 2, o sujeito falante recorre às operações de identificação e de qualificação para despojar o professor de sua humanidade, tanto que escolhe estrategicamente palavras, como “carrapatos”, “ovos” e “larvas”, para nomear e ao mesmo tempo qualificar a categoria docente. Já quando a transformação é colocada em prática para identificar os alunos, os termos “vítima”, “cabeça oca” e “hospedeiros” são utilizados a fim de construir um cenário de sofrimento e ingenuidade no qual os alunos, devido às atitudes do professor-parasita, estão inseridos. As ações “infestar”, “devorar” e “ecloir” acionam um consequente ímpeto à higienização, uma vez que colocam em cena crenças ligadas a doenças contagiosas, o que corrobora ainda mais a eficácia do processo de causação: precisamos eliminar o parasita pernicioso, já que este é o responsável por “adoecer” nossas crianças.

Essa metaforização do professor como um ser asqueroso é a principal estratégia de influência do processo de transação. Nas palavras de Charaudeau, “todo sujeito que produz um ato de lin-

guagem visa atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento” (Charaudeau, 2005, p. 3). Desse modo, com a intenção de captar o parceiro de comunicação, o sujeito enunciador propõe um antagonista (“professor militante”) a ser combatido. Esse “combate” é permeado pela dramatização, já que o enunciador visa produzir repulsa e angústia em seu interlocutor ao retratar os professores como figuras ameaçadoras que devoram seus hospedeiros (“carrapatos ideológicos”). Sobre a manipulação do sujeito por meio do discurso de dramatização, Charaudeau (2020), em sua obra *A conquista de opinião pública*, elucida que o efeito de angústia é proposto através da evocação de uma ameaça, de um perigo em potencial e, até mesmo, da identificação daquele que é, em absoluto, o responsável pela desordem social. Nesse sentido, a palavra de denúncia, ao mesmo tempo que estigmatiza o inimigo que se deve combater, também “constrói uma imagem de combatente que procura galvanizar suas tropas” (Charaudeau, 2022, p. 93), justificando, portanto, ações contra o adversário.

A naturalização do ataque, bem como a consequência subentendida do ato – a aniquilação do “professor-doutrinador” –, também é assegurada pelo princípio de pertinência, dado que, pelo atual contexto sociopolítico, é de conhecimento geral o avanço de ideologias extremistas que desprezam a figura do educador, ou seja, o conteúdo produzido pelo MESP certamente será acolhido como um discurso de verdade por integrantes da página e por outras pessoas que se revoltam com as supostas ações docentes.

Além disso, os sujeitos do ato de comunicação procuram regular o jogo da troca linguageira por meio de diversas estratégias que assegurem uma “intercompreensão mínima, sem a qual a troca não é efetiva” (Charaudeau, 2005, p. 16). Dessarte, a página do MESP manipula o princípio de regulação ao garantir a publicação de uma postagem diferente daquilo que se espera ver na rede social, vide que as fotografias compartilhadas no Instagram tendem a explorar a vida pessoal do usuário, mais prototípica ao tecnogênero⁸ *post*: a imagem do ciclo de vida de um carrapato é vinculada a uma legenda que apresenta quatro ações realizadas pelo professor-doutrinador. Essa construção é responsável por fazer o parceiro reconhecer as condições através das quais se realizam a maioria das publicações da página.

Assim, ainda que constituídos por operações e princípios diferentes, os processos de transformação e de transação se realizam em sincronia, respeitando as regras do contrato de comunicação. Essa dependência entre os processos responsáveis pela semiotização do mundo “equivale a marcar uma mudança de orientação nos estudos sobre a linguagem, buscando-se conhecer o sentido comunicativo (seu valor semântico-discursivo) dos fatos de linguagem” (Charaudeau, 2005, p. 16). Ao transformar o “mundo bruto” em “mundo significado”, temos o intuito de influenciar o parceiro da troca linguageira, seja para causar empatia e reforçar o sentimento identitário – nossas crianças são vítimas dos professores –, seja para acirrar a revolta – os professores parasitas devoram a ingenuidade de nossas crianças. O *corpus* representado pela Figura 1 mostra como, para que a semiotização de mundo se realize, os processos de transformação e

⁸ Paveau (2021) define, como tecnogênero do discurso, os gêneros discursivos dotados de “uma dimensão compósita, derivada de uma coconstituição do linguageiro e do tecnológico” (Paveau, 2021, p. 328). Para a autora, o tecnogênero até pode derivar de um gênero do discurso pertencente ao ambiente pré-digital, entretanto, são as características pertinentes ao ciberespaço que engendram o funcionamento e as particularidades do gênero digital nativo.



de transação, além de serem orientados pelas circunstâncias sociais que envolvem a situação comunicativa, devem, portanto, atuar em solidariedade.

3. “Os ovos eclodem e as larvas devoram o cérebro do hospedeiro”: Os sujeitos do discurso e o ato de linguagem

Ao propor um duplo processo de semiotização de mundo, a TSAD pressupõe, como evidenciado no tópico anterior, uma intencionalidade daqueles que participam do ato linguageiro. Decorrente desse ato, acontece o jogo entre conhecimentos revelados e possíveis inferências, que nasce em situações de discurso específicas e que se concretiza na interseção dos processos de produção e interpretação. Com efeito, para que as “regras” desse jogo sejam compreendidas, devem-se considerar duas instâncias distintas: o *DIZER*, responsável pelo nível interno e discursivo da comunicação, e o *FAZER*, espaço exterior à verbalização em que se encontram os seres reais do ato de linguagem.

Nesse sentido, o ato de linguagem diz respeito à totalidade da encenação languageira, ou seja, no processo de significação do discurso, é impossível, para a TSAD, dissociar o espaço do dizer do espaço do fazer, uma vez que o contexto social no qual os sujeitos estão inseridos influencia diretamente a construção linguística engendrada pelos parceiros de comunicação. Ainda conforme a teoria, todo ato de linguagem é uma encenação e, para encenar essa espécie de “jogo comunicativo”, a TSAD evoca, no mínimo, quatro sujeitos comunicacionais: dois externos, seres reais responsáveis pela relação contratual do ato de linguagem, e dois internos, entidades discursivas projetadas pelo falante de acordo com sua intencionalidade. Dessa forma, Charaudeau (2001) revela os parceiros do fazer – *EU-comunicante* (EUc) e *TU-interpretante* (TUi) – como os sujeitos articuladores da palavra, e os protagonistas do dizer – *EU-enunciador* (EUe) e *TU-destinatário* (TUd) –, como as imagens constituídas pelos seres de fala durante o processo de interação linguística.

Assim, o Euc é o sujeito que detém a iniciativa do processo de comunicação. É ele também o responsável por encenar o papel correspondente à imagem que deseja transmitir em seu discurso, ou seja, em uma situação de comunicação particular, o Euc projeta em seu enunciado um ser abstrato, uma imagem discursiva de si mesmo – o Eue –, com vistas a influenciar o TUi – outro sujeito de “carne e osso” encarregado do processo de interpretação. Na verdade, como a ação comunicativa não é estática e os sujeitos do fazer constantemente trocam de papel no interior da encenação languageira, é possível reconhecer a existência de dois “Eus” enunciadoreis: um engendrado pelo Euc e outro estrategicamente pensado pelo TUi.

Da mesma forma, ao analisarmos o Euc, observamos também a possibilidade deste ser uma instância compósita, como nos casos em que uma equipe é responsável por uma enunciação aparentemente unitária. Fato semelhante ocorre com os perfis no Instagram. No intuito da promoção pessoal e visando à “viralidade”⁹ da página, o conteúdo digital costuma ser estrategicamente organizado por agências de *marketing* compostas de sujeitos que definem, por exemplo,

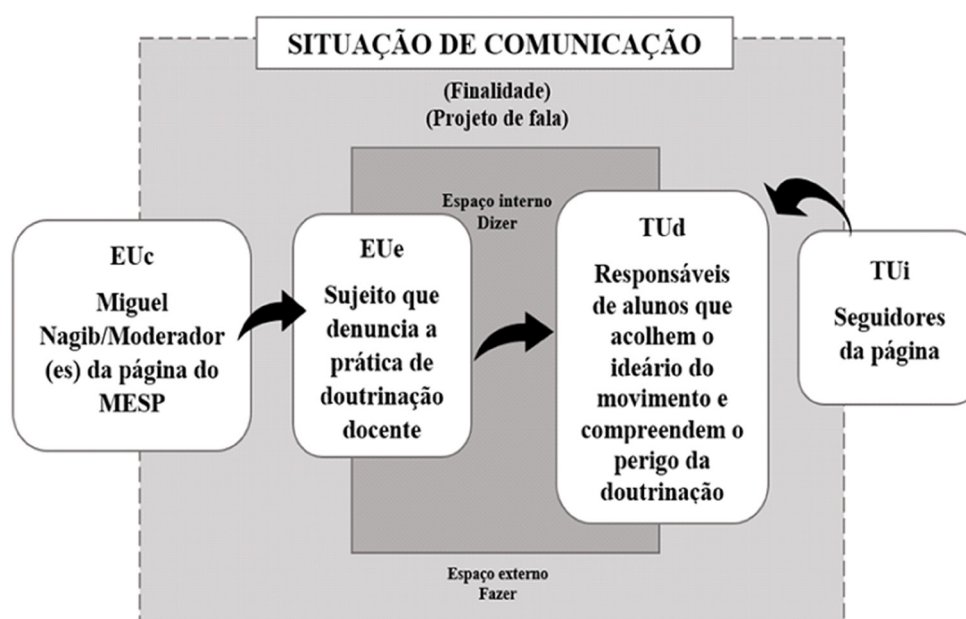
⁹ Viralidade é um termo usado pela indústria, para se referir a conteúdos digitais compartilhados por meio de mídias sociais que se tornam tendências ou passam a figurar entre os tópicos mais discutidos em um determinado momento.

que tipo de imagem o perfil deseja transmitir, a qual público será destinado o conteúdo do perfil, a quantidade diária de postagens e, até mesmo, em quais horários as publicações podem causar maior engajamento.

Já o TUd, é uma abstração do TUi, ou seja, é uma imagem construída pelo Euc ao planejar seu enunciado e, portanto, idealizar seu destinatário. Nesse contexto, nenhuma estratégia discursiva de captação pode garantir que o sujeito idealizado pelo Euc coincida com o TUi, já que este, ao atuar fora do ato de enunciação, configura-se como um ser real e, por isso, pode ser influenciado, por exemplo, pelas circunstâncias em que se encontra durante a troca linguageira, cabendo exclusivamente a ele a responsabilidade pela interpretação do ato discursivo. Além disso, em enunciados produzidos através do meio digital, o TUi é múltiplo, fato que dificulta ainda mais a simetria entre os enunciados. Em virtude dessas características é que Charaudeau sugere entender o ato de linguagem como um jogo, já que todo ato de linguagem “pode ser considerado como uma interação de intencionalidades cujo motor seria o princípio do jogo: ‘Jogar um lance na expectativa de ganhar’” (Charaudeau, 2001, p. 28-9).

Sendo assim, em relação ao *corpus* analisado, os sujeitos que constituem o circuito externo são o Euc-Miguel Nagib/Moderadores da página do MESP – entidade conhecida nos ambientes político e midiático por “denunciar” práticas pedagógicas – e o TUi – internautas que, de fato, acompanham a página do MESP. Já no espaço interno do ato de linguagem, encontram-se o Eue-sujeito preocupado com o futuro dos alunos, aquele que acusa os professores-militantes de doutrinação ideológica, e o TUd – público que acolhe o ideário do MESP e compreende os perigos da doutrinação. O esquema apresentado na Figura 3 representa os sujeitos envolvidos no projeto de fala da página do MESP, evidenciado pela Figura 1.

FIGURA 3. Dispositivo da representação dos sujeitos envolvidos no projeto de fala da página “Escola sem Partido” (fluxograma).



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Charaudeau, 2019, p. 52

Ainda que não seja o objetivo central deste estudo analisar as respostas dos internautas às publicações do MESP, uma breve pesquisa sobre os comentários realizados na postagem, representada pela Figura 1, revela que a imagem produzida pelo Euc é aceita com eficácia pelos seguidores, ou seja, nessa situação de comunicação, o TUi corresponde ao Tud, evidenciando o êxito das estratégias discursivas (a animalização do professor e a vitimização das crianças) engendradas pelo sujeito durante a encenação do dizer (Figura 4).

FIGURA 4. Comentários dos seguidores da página do MESP (captura de tela)



Fonte: rede social Instagram¹⁰

Assim, por meio do dispositivo apresentado pela Figura 3 e dos comentários realizados pelos seguidores, observa-se que Miguel Nagib, enquanto Euc que possui um histórico posicionamento no debate público contra os professores, visa a construir uma identidade discursiva de combatente, de alguém capaz de manifestar o que de fato ocorre no interior das salas de aula. O vocabulário utilizado para se referir aos professores, bem como a ilustração correspondente ao ciclo de vida de um carrapato, contribui tanto para a manutenção de um cenário nocivo à sociedade (o carrapato é capaz de contagiar nossas crianças), quanto para incitação da violência (é preciso que os carrapatos sejam exterminados, para que se garanta o bem-estar social).

Sobre a possibilidade de, ao se encorajar a violência por meio do discurso, o sujeito ultrapassar o espaço da comunicação e iniciar, portanto, um combate físico, a filósofa Judith Butler (2021) alerta: “o poder atribuído ao discurso de ódio é um poder de agência, performatividade e transitividade absolutas e efetivas” (p. 133). Nesse contexto, em que o ato de linguagem é visto como um fenômeno que combina o dizer e o fazer, o discurso voltado ao professor pela página do MESP possui grande potencial de se concretizar em uma ação para além das manifestações linguageiras, pois, ao promover a intolerância contra a categoria docente, em uma apologia explícita à brutalidade, o discurso, inflamado pela viralidade do ambiente digital, chama o sujeito à ação, instigando-o a práticas que, enfim, exterminem “a praga” social.

É válido ressaltar que essa prática de desumanização do outro, como estratégia para se colocar em ação o ataque e a aniquilação do “inimigo”, tem sido usada ao longo dos anos de maneira eficaz: os nazistas se referiam aos judeus como ratos e piolhos. Em *Mein Kampf*, obra em que Adolf Hitler expressa suas ideias antisemitas, o ditador alemão não cessou de utilizar metáforas, como “micróbio judeu”, “câncer judeu” e “parasitas sociais”, para justificar o genocídio da

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cv4kcZDu31W/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

população judia. Portanto, é nessa dinâmica que o discurso de ódio ganha força: a partir do uso estratégico de imagens, como verme, parasita e praga, o extermínio ao divergente, mascarado de ação beneficente à população, é naturalizado, desencadeando ainda mais a indignação do público (“exatamente assim que vira praga!”). Essa estratégia de espetacularização do discurso de ódio ficará ainda mais evidente na seção 4, em que analisaremos a segunda publicação da página do MESP.

4. “Infelizmente, nem todos os professores merecem o nosso respeito”: Os imaginários sociodiscursivos e o discurso de ódio

As opiniões apresentadas sobre a categoria docente, tanto pela publicação do MESP quanto pelos comentários digitais, possuem como cenário, conforme já apresentado no início deste estudo, um quadro situacional de polarização política. Nesse contexto, em que se observa um quadro de desvalorização do educador brasileiro pautado, sobretudo, em imaginários que visam à propagação do discurso de ódio contra a classe, discutir a profissão professor no cenário nacional implica levar em conta alguns aspectos da política nacional. Entretanto, faz-se necessário destacar que este estudo não tem como objetivo realizar, nesta seção, um levantamento exaustivo de fatos e de dados sociopolíticos. A intenção é, portanto, pôr em evidência algumas informações capazes de justificar os imaginários depreciativos ligados à identidade do professor.

De início, é válido lembrar as manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre em 2013. Tendo como pauta o aumento da passagem do transporte público na cidade de São Paulo, as Jornadas de Junho atraíram a atenção de um grande número de pessoas para o debate político. Notícias da época contabilizam a presença de mais de 30 mil pessoas nas ruas¹¹, a fim de reverter o reajuste nas tarifas dos modais. Logo, observando o sucesso da mobilização, há tempos não presenciada no Brasil, ativistas e grupos de orientação ideológica distinta rapidamente começaram a transparecer no cenário público, até o movimento implodir, nos anos seguintes, fragmentando a massa. Se antes era ligada por uma retórica antipartidária, agora a população se dividia em dois grupos de militância antagônica: de um lado, a direita fortalecida pelo processo de *impeachment* sofrido por Dilma Rousseff, do outro, a esquerda fragilizada pelo uso político-midiático da Operação Lava Jato¹².

Nesse panorama sociopolítico, discursos anti-institucionais – encenados por correntes que transformavam, por meio da oposição entre “pessoas de bem” e “esquerditas”, os adversários em arqui-inimigos – foram se tornando cada vez mais naturalizados no cenário midiático. Essa

¹¹ Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

¹² Com início em um posto de gasolina, a Operação Lava Jato foi deflagrada em março de 2014 e investigou um grande esquema de lavagem e desvio de dinheiro envolvendo a Petrobrás, grandes empreiteiras do país e políticos. O juiz federal do Paraná, Sérgio Moro, foi responsável pelas ações penais. Em 2017, emitiu sua primeira sentença contra Lula pelo caso do triplex do Guarujá, que foi posteriormente anulada pelo STF. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/operacao-lava-jato/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.



conjuntura é explorada de maneira exacerbada pelo líder de extrema direita, Jair Bolsonaro. Antes de iniciar seu mandato como presidente do Brasil, Bolsonaro já se destacava na mídia, sobretudo em suas redes sociais, pelo seu discurso alinhado à religião, e, paradoxalmente, ao armamento da população. Em uma postagem feita na rede social X, antigo Twitter, em 31 de dezembro de 2018, um dia antes de tomar posse da presidência, o político reafirma seu discurso agressivo, salientando o futuro da educação (Figura 5).

FIGURA 5. Publicação de Jair Bolsonaro na rede social X (captura de tela).



Fonte: rede social X¹³

Dessa forma, a retórica anticorrupção progressivamente foi sendo associada e/ou substituída por pautas moralistas/moralizantes, sobretudo no que se refere a gênero e à sexualidade. É nessa conjuntura que o processo de culpabilização do professor tem sua gênese, uma vez que, por sua relação estreita com o conhecimento crítico, os docentes começam a representar um entrave à implementação de ideologias dogmáticas e antidemocráticas. A prática pedagógica que oportuniza professores e alunos a debaterem sobre diversos assuntos com o fito de ampliar a argumentação e o olhar sobre temáticas variadas, como política, sexualidades, inclusão social e direitos humanos é, agora, mascarada como o mal responsável pela degradação social.

Assim surgem, no cenário discursivo, duas imagens docentes: a figura “neutra”, que não aborda em sala de aula temas de “natureza político-ideológica”, como questões de gênero, raça e sexualidade, em oposição ao professor militante/comunista, aquele que almeja doutrinar o aluno para ser um ativista de esquerda, bem como incentivá-lo a acreditar em valores que estão em desacordo com a família tradicional brasileira, esse último sendo frequentemente utilizado pelo discurso da extrema-direita. Sobre como é possível “fabricar” a opinião pública, Charaudeau (2020) descreve o processo de reação como uma das manifestações mais eficazes para fazer emergir o julgamento coletivo, uma vez que:

[...] para que uma opinião pública se manifeste, é necessário que surja no espaço social um acontecimento suscetível de tocar uma grande quantidade de indivíduos. Isso ocorre sob certas condições, pois nem todos os acontecimentos têm a mesma importância aos olhos do público. Sua natureza

¹³ Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1079686972673806336?lang=pt>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

deve ser tal que chegue a tocar [...] alguma coisa vital no inconsciente dos indivíduos, ou então que ponha em alerta sua consciência moral. Daí surgirá talvez uma indignação que poderá se transformar em acusação aos responsáveis, uma compaixão que poderá desencadear movimentos de solidariedade com as vítimas, uma cólera que, não suportando a iniquidade de uma situação, assumirá diversas formas de reivindicação: manifestações, ocupação das mídias, ações associativas ou interpelação nos tribunais (Charaudeau, 2020, p. 45-6).

É por meio dessa associação do professor aos discursos que vão de encontro à moralidade que o MESP consegue incitar o ódio contra a categoria docente. Nas publicações da página, há uma tentativa de se traduzir a rejeição extrema não somente ao que foi dito, mas, sobretudo, à categoria que o disse, configurando-se, portanto, o discurso de ódio. Nesse sentido, o assédio verbal se caracteriza pelo seu caráter, sobretudo, coletivo, visto que o assediador, como observado na Figura 4, tem como alvo não apenas a figura de um único professor, mas sim o grupo identitário e suas características, bem como a posição social ocupada pela instância docente. Dessa forma:

Em virtude da posição social que ocupa, o/a ouvinte é ferido/a como consequência desse enunciado. O enunciado também obriga o sujeito a ocupar novamente uma posição social subordinada. De acordo com esse ponto de vista, tal discurso reinvoca e reinscreve uma relação estrutural de dominação [...] (Butler, 2021, p. 38).

Assim, caso se leve em consideração que “o discurso de ódio faz o que diz e faz o que diz que fará àquele a quem se dirige” (Butler, 2021, p. 133), o discurso e a conduta são inseparáveis. No que tange à violência verbal, o discurso de ódio seria, então, promovido à categoria de ação, já que os efeitos propostos pelo ato de linguagem poderiam manipular, em maior ou menor grau, o interlocutor a um “fazer agir” diante do inimigo engendrado discursivamente. Estudos recentes de Charaudeau (2022) revelam que, para atingir seus objetivos, o manipulador recorre a inúmeras estratégias discursivas, de modo a incitar o sujeito destinatário a agir no sentido desejado:

A manipulação verbal tem por base estratégias de incitação positiva, para criar confiança, amizade, estima, afeição, como maneira de atrair a adesão das populações, ou provocação negativa, praticando a denúncia, a acusação, a desconfiança, a estigmatização e o ódio contra o inimigo, para provocar movimentos de protesto, reivindicação e revolta (Charaudeau, 2022, p. 93).

Sendo assim, pelas palavras de Butler e Charaudeau, é possível compreender que o discurso de ódio se instaura quando o pensamento ultrapassa o plano das ideias e, dando lugar à imortalidade das palavras no meio digital, encontra-se ao alcance daqueles a quem busca difamar e, sobretudo, daqueles que estão aptos a colocar em prática tais difamações. Ainda no âmbito dos estudos discursivos, destaca-se também a contribuição de Barros (2015), autora da epígrafe desta pesquisa. Para a autora, os discursos intolerantes se pautam em quatro percursos: a animalização do outro; a anormalidade do diferente; o caráter doentio do outro e a imoralidade do outro (ser sem ética). Segundo a autora:

[...] o discurso intolerante é, sobretudo, um discurso de sanção aos sujeitos considerados maus cumpridores de certos contratos sociais: de branqueamento da sociedade, de pureza da língua, de heterossexualidade e outros. Esses sujeitos são, portanto, no momento do julgamento, reconhecidos como maus atores sociais, maus cidadãos – pretos ignorantes, maus usuários da língua, índios bárbaros, judeus perigosos, árabes fanáticos, homossexuais promíscuos – e punidos com a perda de direitos, de emprego ou até mesmo com a morte (Barros, 2015, p. 63).

Portanto, a representação social do professor como um mau ator social e, por conseguinte, um sujeito nocivo à comunidade é, de forma recorrente, materializada pela e na linguagem, como é possível observar na postagem (Figura 6).

FIGURA 6. Publicação da página “Escola Sem Partido” no Instagram (captura de tela)



Fonte: rede social Instagram¹⁴

O modo como o sujeito significa discursivamente o mundo possibilita a instauração de saberes que constituem maneiras de ver e de julgar a vida em sociedade. Nessa perspectiva, distantes da definição de simples organização mental, os saberes constituem concretos sistemas de pensamento que configuram e definem o comportamento social por intermédio da linguagem. Sendo assim, a postagem realizada pela página do MESP significa a profissão docente recorrendo a saberes ligados ao conhecimento popular, já que associa o professor ao imaginário ameaçador da figura de um lobo, tradicionalmente conhecido no cenário literário por ser o vilão das histórias infantis.

Nesse sentido, os imaginários sociodiscursivos dão conta de tematizar o campo da enunciação, ou seja, mesmo manipulando determinadas liberdades em seu discurso, o sujeito é subme-

¹⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BaSC9tIFNPq/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

tido ao propósito do campo temático em que sua situação de comunicação está inserida. Isso pode ser comprovado na construção discursiva projetada pela postagem do MESP: ainda que o sujeito desconhecesse o discurso antiprofessor do movimento, a animalização do docente como um “lobo em pele de cordeiro” seria suficiente para evocar a imagem de um sujeito que parece ter uma boa índole, mas, na realidade, é mau, perverso, desonesto. Além disso, a expressão também encontra eco no imaginário religioso, já que é oriunda do ensinamento cristão “Cuidado com os falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores”¹⁵.

Para Charaudeau (2022), os imaginários dividem-se em saberes de crença – um julgamento que o sujeito faz do mundo –, e saberes de conhecimento – uma verdade que existe fora da subjetividade do indivíduo. Os saberes de conhecimento buscam estabelecer uma verdade relativa à existência dos fatos do mundo, ou seja, factual, propondo, assim, explicações sobre os fenômenos sociais por meio da ciência (saber científico), quando a verdade imposta pode ser comprovada ou refutada por um aparato metodológico, ou de uma transcendência (saber de revelação), quando a verdade não precisa ser provada ou verificada, tal como ocorre com os dogmas no cenário religioso.

Já no que diz respeito aos saberes de crença, o analista do discurso afirma que estes não dizem respeito ao mundo, mas às avaliações do sujeito, que se apoiam em discursos de causalidade natural, sobre eventos e seres, seja para descrevê-los (saber de experiência), seja para fazer julgamentos (saber de opinião), quando o indivíduo se depara com a realidade do mundo a significar. Assim, conforme elucida o pesquisador francês, os indivíduos, de modo estratégico, podem se valer de diferentes saberes e até mesmo manipular um no lugar do outro a fim de que seu discurso seja aceito pela coletividade.

Dessa maneira, a publicação apresentada pela Figura 6, ao parabenizar os “professores de verdade” na data em que se comemora o feriado da categoria, evoca saberes ligados à crença da população, já que a imagem do lobo, bem como o medo que é instaurado pela sua presença, pode ser facilmente resgatada no imaginário popular dos textos fabulísticos, por exemplo. Esse gênero infantojuvenil, habitualmente utilizado nas leituras escolares, tem como característica transmitir uma lição de moral através de narrativas protagonizadas por animais. Nesse caso, a moral da história fica por conta do ensinamento em forma de denúncia, realizado pelo MESP: “o seu professor pode parecer um cordeiro, mas, na verdade, é um lobo mau”.

O texto não verbal também é veiculado ao enunciado “Infelizmente, nem todos os professores merecem o nosso respeito” e “Parabéns aos professores de verdade”, estratégia de manipulação que recorre, uma vez mais, ao imaginário da tradicional luta entre o bem e o mal, valorizando o cenário de polarização. A partir da instauração de uma oposição entre os professores que são “de verdade”, e, por isso, merecem o nosso respeito, e os professores que são “de mentira” – aqueles que sequer merecem felicitações no dia dos professores, a publicação desumaniza o

¹⁵ A passagem é parte integrante da Bíblia, encontrada no livro de Mateus, capítulo 7, versículo 15. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/versiculo/mateus_7_15-20/>. Acesso em: 22 ago. 2024.



sujeito-professor, justificando, portanto, o desrespeito destinado à classe. Ademais, o alerta difundido pela página, além de influenciar ainda mais a depreciação aos educadores, evoca, em prol do sujeito comunicante, o imaginário de “salvador”, já que este tem a devida coragem para revelar a verdadeira identidade do docente.

Portanto, analisando os imaginários evocados no interior do contrato de comunicação, fica claro que, mais do que enquadrar o professor em uma representação marginal, o discurso da página é alicerçado na ideia de que os educadores são inimigos das crianças e, por conseguinte, da família brasileira.

5. Conclusão: “Parabéns aos professores de verdade”

Em palestra proferida na Universidade Federal Fluminense, no II Encontro de Semiologia do Discurso (UFRJ/UFF), Charaudeau afirmou que “uma palavra não mata, mas pode ferir à morte” (Charaudeau, 2023, informação verbal)¹⁶. Sendo assim, quando uma pessoa dirige um discurso de ódio a outra, a dignidade é vulnerada em sua dimensão intersubjetiva, no respeito que cada ser humano deve ao outro. Além disso, como pôde ser observado na análise das publicações realizadas pelo MESP, a dignidade de todo um grupo social é atacada, não apenas a de um indivíduo.

Por conseguinte, assumindo que a intencionalidade é princípio primordial para a realização das trocas languageiras, todo ato de linguagem não somente descreve o mundo por meio das categorias de língua, como também veicula valores sociais daqueles que o enunciam. Sendo assim, ao escolher estrategicamente, por exemplo, o substantivo “carrapato”, o MESP não apenas nomeia o professor, mas qualifica esse ser, denunciando a existência de um “docente-parasita”, ou seja, de um professor repulsivo e perigoso.

Essa periculosidade relacionada à identidade docente é reafirmada pela publicação que apresenta a fotografia de um lobo: a comparação implícita do professor com o clássico vilão da literatura infantil objetiva, mais uma vez, tanto a provocação do medo e da angústia em seus destinatários quanto o apagamento da qualidade humana do professor, pois o ataque ao divergente, mascarado de ação beneficente à população, é naturalizado, desencadeando ainda mais a indignação do público.

Dessa forma, classificamos o projeto de fala do MESP como uma prática do discurso de ódio, uma vez que os efeitos de animalização do professor operam a fim de justificar tanto a violência contra essa posição quanto o seu extermínio. A identidade do professor, projetada pelo EUC como figura abjeta, põe em cena saberes de crença que associam os profissionais da educação – fomentadores da criticidade do aluno – a perigosos doutrinadores ideológicos, ou melhor, a carrapatos e lobos capazes de devorar a inocência das crianças.

¹⁶ A palestra está disponível no *site* do grupo Leifen – Leitura, Fruição e Ensino (UFF/CNPq). Disponível em: <<https://semiologia.uff.br/>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

Portanto, veiculado por meio da mídia digital – terreno fértil no que tange à disseminação de mensagens contra um “inimigo comum”, e enquadrado no imaginário de justiça e de denúncia –, a página no Instagram do MESP fomenta o discurso agressivo destinado aos professores, ecoando ainda mais a histórica desvalorização dessa classe e a perseguição ao livre pensar docente. Estudos como este, que visam a denunciar discursos odientos, servem de alerta para a naturalização da promoção do ódio contra aqueles que (ainda) possuem um papel basilar na formação do sujeito-cidadão.

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Ambas contribuíram igualmente.

CONFLITO DE INTERESSES

As autoras não têm conflito de interesses a declarar.

FINANCIAMENTO

Não houve.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Pessoa de. Intolerância, preconceito e exclusão. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (org.). **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Editora Contexto, 2015. P 61-78. Versão *on-line*.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 7.180, de 24 de fevereiro de 2014**. Altera o art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoes>>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Trad. Roberta Fabri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de. **Análise do discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2001.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. (Orgs.) **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.11-27. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>>. Acesso em: 22 mai. 2021.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2. ed. Trad. Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2019.



CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião Pública:** como o discurso manipula as escolhas políticas. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade.** São Paulo: Contexto, 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital:** dicionário das formas e das práticas. COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (Orgs.) Campinas: Pontes Editores, 2021.